

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA PAULA PREVITALE

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA PAULA PREVITALE

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

“Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
Programa Especial de Formação de Professores
em Exercício nos Municípios da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas,
como um dos pré – requisitos para conclusão da
Licenciatura em Pedagogia”.

CAMPINAS

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Previtalo, Ana Paula
P929i A importância do brincar : memorial de formação / Ana Paula Previtalo. --
Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-379-BFE

A todas as colegas e companheiras que pude
conhecer e compartilhar esses bons anos de
aprendizado.

AGRADECIMENTOS

“A meus pais, que muito me ajudaram cuidando do meu filho,
A meu querido filho Riquelme,

Ao meu esposo Claudio,

Às minhas colegas Andréia, Carina e Cristiane que muito me ajudaram no período
em que fiquei grávida e que aprendi a respeitar muito,

Aos professores que muito nos passaram de seus conhecimentos”.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. MINHA INFÂNCIA	7
2. MINHA VIDA PROFISSIONAL E AS DÚVIDAS	15
3. APENAS BRINCANDO	18
4. AO CONTRÁRIO, AS CEM EXISTEM	23
5. LEMBRANÇAS DE ALGUMAS BRINCADEIRAS	25
6. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

APRESENTAÇÃO

Este memorial foi idealizado por eu perceber que as brincadeiras e jogos infantis que aconteciam na rua hoje não ocorrem mais.

É um resgate cultural, pois as brincadeiras infantis são importantes para desenvolver a linguagem e o corpo por inteiro das crianças. A brincadeira também proporcionava a interação e socialização entre os vizinhos, além de não ter diferença de gênero.

Hoje podemos perceber que as famílias se escondem atrás de muros altos e em suas casas, devido à violência, por isso as crianças não brincam mais na rua.

Pretendo enfocar as minhas lembranças de criança, onde demonstro a alegria que era quando eu podia sair para brincar na rua com os vizinhos e meus irmãos.

Comento textos que acredito contribuíram e muito para eu perceber que esses momentos de brincadeira são os mais ricos que posso proporcionar em minhas aulas a meus alunos, pois eles ficam muitas vezes sem saber o que fazer, por exemplo do que brincar e com isto ficam somente assistindo televisão.

Comentarei também a relação da teoria com a prática que tento desenvolver nas minhas aulas, meio as escondidas, devido à visão contrária que existe em meu Município.

Termino fazendo alguns comentários sobre a importância do brincar para as crianças.

1. MINHA INFÂNCIA

“Eu sou pobre, pobre, pobre,
De marré marré marré.
Eu sou pobre, pobre, pobre
De marré de si.
Eu sou rica, rica, rica
De marré marré marré
Eu sou rica, rica, rica
De marré de si.
Quero uma de vossas filhas,
De marré marré marré
Escolhei a que quiser,
De marré de si”.

Está é a brincadeira que eu mais gostava, quando criança. Brincava na rua, no recreio da escola ou até no quintal sozinha.

Sou a única menina no meio de quatro homens, lembro o quanto foi gostosa a minha infância, pois brincava na rua com meus irmãos e colegas até tarde da noite.

Naquele tempo não havia tanto interesse em ficar na frente da televisão e não havia tanta violência como vemos nos dias atuais, as crianças tinham uma infância diferente da de hoje, pois todos curtiam as brincadeiras de rua e a própria televisão não tinha tanta influência.

O divertimento era ficar com os vizinhos brincando com bola, soltando pipas, pulando corda, amarelinha, jogando bolinha de gude, brincando de mil coisas e às vezes, até ‘brigando’.

“Um homem bateu em minha porta, e eu abri, senhoras e senhores
Põe a mão no chão, senhoras e senhores pulem em um pé só
Senhoras e senhores dêem uma rodadinha e vão pro olho da rua”.

Quantas vezes me recordo deste tempo, onde só havia alegrias, pois brincar era o que mais fazia.

Foi um dos melhores tempos de minha vida e que recordo com muitas saudades.

Como tudo era fácil, o mundo tinha outra cara, outras prioridades, outro sentimento. Até fico pensando como tudo era diferente, a escola onde estudei, que eu pensava ser imensa, na realidade naquela época era, hoje é pequena, o hambúrguer era enorme, demorava muito a comê-lo e muitas vezes não conseguia terminá-lo.

A distância de minha casa até a escola era enorme e hoje morando no mesmo lugar, vejo

que não é tanto assim.

Meus pais não davam de tudo pra gente, mas o mais importante nós tínhamos era o carinho e atenção dedicados a nós. A mãe ajudava nas lições de casa e meu pai trabalhava muito para dar-nos o necessário. Ele comprava livros, gibis, para os meus irmãos e também disco de vinil, lembro-me de um disquinho que contava a história do Soldadinho de Chumbo, que eu ficava por horas ouvindo. Eu lembro também que quando chovia meus irmãos brincavam de contar histórias de terror e de brincar com sombras na parede.

Um dos meus irmãos, o segundo era o mais engraçado, pois colocava palitos de fósforos entre os dentes e nos assustava nestes dias que acabavam a força.

Além disso, brincávamos com cartas, jogos de damas, W.A.R., de carrinhos, de roubar monte, de pular corda, vôlei, de mãe da rua, esconde-esconde, entre outras brincadeiras e jogos.

Tudo parecia ter outra dimensão, outro espaço, outros sentimentos.

Posso dizer que tive uma infância muito boa e que guardo muitas lembranças desta época que para mim foi maravilhosa.

Mas, ao voltar os nossos olhos há alguns séculos atrás podemos compreender que *“foi necessária uma longa evolução para que o sentimento da infância realmente se arraigasse nas mentalidades”*. (P. ARIÈS, 1973 apud BADINTHER, 1985, p.53).

As crianças não tinham valor, não tinham infância e eram tratadas como adultos em miniatura, para a sociedade ela era vista como um transtorno e na maioria das vezes amedrontava as pessoas.

Muitas mulheres chegavam a abandonar seus filhos, para não perder sua posição na sociedade, ou até por não querer perder sua beleza e a própria Igreja *“na pessoa de Santo Agostinho, elaborou uma imagem dramática da infância. Logo que nasce, a criança é símbolo da força do mal”*. (BADINTHER, 1985, p.55).

Daí podemos perceber o quanto a criança não era bem vista, que ela desde o nascimento era vista *como pecadora e muitas vezes como um animal, que estorvava e amedrontava as famílias, por isso, foram dadas a amas de leite ou abandonadas nas rodas, onde sofriam maus tratos e por muitas vezes morriam”* (P. ARIÈS, 1978, apud BADINTHER, 1985).

“... temos a impressão de que a criança é considerada mais como um estorvo, ou mesmo como uma desgraça, do que como o mal ou o pecado. Por motivos diferentes e até opostos, a criança, e particularmente o lactente, parece constituir um fardo insuportável para o pai, a quem toma a mulher e, indiretamente, para a mãe”. (BADINTHER, 1985, p. 63-64).

Devido à atenção e aos cuidados que o bebê ao nascer necessita é realmente complicado ter um filho, pois a mãe precisa se entregar totalmente ao filho e a criança nesta fase também chora muito. A criança era vista como um fardo e por muitas vezes era abandonada ou dada a amas de leite, por isso sofriam muito, chegando até a morrer.

A criança que conseguia sobreviver, era obrigada a trabalhar na casa de vizinhos, as meninas ficavam em Conventos ou morava na casa de outra família para aprender os afazeres de casa e os meninos se fossem os primogênitos eram padres, soldados ou então ajudantes de cavaleiros.

Essas crianças não tinham infância, não brincavam e nem se divertiam, apenas não tinham importância para as pessoas da sociedade.

No início dos anos 80, quando eu estava na infância, as crianças brincavam nas ruas, na terra, com bolas de gude, carrinhos, bola, soltavam pipa, brincavam de pular corda, roubar bandeira, pular mula, brincadeiras de roda, etc.

A criança conseguia ficar por mais tempo brincando na rua, se divertindo e sendo criança.

Nesta época havia muita alegria nos rostos delas e uma das músicas que reflete com emoção esta lembrança é a que escrevo abaixo:

Bola de meia, bola de gude

Há um menino

Há um moleque

Morando sempre no meu coração

Toda vez que o adulto balança

Ele vem pra me dar a mão.

Há um passado no meu presente

Um sol bem quente lá no meu quintal

Toda vez que a bruxa me assombra

O menino me dá a mão.

E me fala de coisas bonitas

Que eu acredito

Que não deixarão de existir

Amizade, palavra, respeito

Caráter, bondade, alegria e amor

Pois não posso

Não devo

Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal.
Bola de meia, bola de gude
O solitário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre em meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão
(Milton Nascimento)

A sociedade de hoje, está mais capitalista, exigindo que as pessoas trabalhem por mais tempo, às vezes, de manhã, à tarde e a noite, para poderem ter uma vida mais digna, pois tudo está mais caro e principalmente a mulher precisou sair para trabalhar, o que acontecia, muito pouco quando eu era criança.

E com isso as crianças estão indo para a escola, creche, na primeira infância. Cada vez mais as mães precisam trabalhar, porque o salário do marido é insuficiente para suprir as necessidades básicas da família.

Com isso, os pais estão deixando seus filhos por mais tempo em escolas, com babás, com avós e não estão conseguindo dar atenção a eles. E as crianças têm como babás a televisão, onde absorvem tudo de bom e de ruim que a mídia transmite principalmente o desejo de consumir mais e mais coisas desnecessárias, ou ainda as crianças se isolam em seus quartos para viverem em seus mundos virtuais, ficam o dia todo na frente do computador brincando com jogos que estimulam comportamentos agressivos e a violência e percebo com isto que, “consequentemente, estamos presenciando gerações de “esquecidos em casa “- crianças que em grande parte têm sido obrigadas a se desenvolverem por si sós”. (KINCHELOE, Joe L. ,2001, p.56).

Um dos vilões também acredito que seja a desestrutura da família, aquela família que era “comum” pai, mãe e filhos, já não existem mais, hoje a família é formada pela mãe, avó, avô e crianças; pai e filhos; mãe e filhos; mãe com novo namorado ou até com uma namorada.

Hoje nem mesmo o berço familiar é equilibrado e estruturado, deixando assim as crianças contemporâneas voltadas mais para a televisão e vídeo-game como forma de preencher o tempo sozinhas.

As crianças já não sabem mais falar de seus sentimentos, suas aflições, seus desejos e nem fazem mais amizades, se escondem dentro de casa, parece até que a tecnologia as satisfazem.

As crianças começaram a perder a ingenuidade, as meninas estão sendo mães com 9, 10, 11 ou 12 anos, tendo que cuidar de outra criança, começam a ter responsabilidade mais cedo. Os meninos não querendo ir mais para a escola, brigando na rua, experimentando drogas e às vezes, batendo nos pais.

O papel da mãe na sociedade mudou um pouco, ela precisa hoje sair para trabalhar e não consegue dar mais atenção aos filhos e estes se sentem no direito de fazerem o que querem.

Não estou querendo criticar as mulheres que estão trabalhando, pois isto foi uma grande conquista para elas, mas sim que ela precisou se dividir em mulher, mãe e profissional.

Com toda essa mudança, a mulher assumindo os gastos da casa, ela começou a deixar na mão de outros a educação do seu filho. E a diferença está aí, na minha infância, o pai é que bancava todas as despesas da casa e eram raras as mulheres que trabalhavam fora. O que elas faziam era cuidar da casa e dos filhos.

Como Içami Tiba (2002) diz em seu livro: Quem ama educa *“as crianças de hoje são pequenos tiranos, eles mandam nos pais e querem fazer o que querem sem dar satisfação a ninguém”*.

Hoje, as crianças começaram a viver na era da modernização, onde não brincam mais nas ruas, com os vizinhos, nos campos de grama ou parques, porque vivem presas em quatro paredes, devido à violência. Elas ficam na frente da televisão, no computador ou jogando vídeo-game a maior parte do dia e com isto, não sabem brincar, não conversam com os pais, irmãos ou com os próprios vizinhos do prédio, apenas sabem imitar gestos, falas de super-heróis brigando com os monstros, demonstrando assim um comportamento agressivo e as meninas querem ser adultas logo, pois se vestem como as modelos que aparecem na televisão, desde cedo sendo vaidosas e obrigando os pais a comprarem sempre as roupas e sapatos da moda, desenvolvendo assim nelas o desejo de sempre consumir e gastar em excesso.

“E a restrição de tempo e espaço para a criança, acaba reduzindo a cultura infantil, praticamente, ao consumo de bens culturais, produzidos não por ela, mas para ela, segundo critérios adultos, contribuindo para a transformação do brinquedo em “mercadoria” e para o

comprometimento da evasão do real, que possibilita a imaginação de novas realidades. “É o desrespeito à cultura da criança”. (MARCELLINO, 53-54, 1990)

As crianças ricas têm uma vida cheia de atividades diárias, vão ao ballet, judô, natação, futebol, informática, inglês... e as crianças pobres vão trabalhar, vendendo doces no semáforo para ajudar em casa.

Nosso país tem uma população infantil que precisa ajudar os pais trabalhando fora vendendo coisas: doces, flores ou cuidando de carros. Até uns dez anos atrás em minha cidade não havia crianças trabalhando hoje há muitas.

Essas crianças na maioria, não conhecem as brincadeiras de rua, corre-cutia, pular mula, alerta, mãe da rua, “... *é a impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence*”. (MARCELLINO, 57, 1990).

Como será a infância das crianças que estão nascendo agora?

Eu fico pensando, pois meu filho tem apenas quinze meses e não sei como será o mundo daqui uns quatro, cinco ou dez anos.

Acredito que é preciso rever muitas coisas, inclusive nossos princípios e valores, para que as famílias tenham mais controle e saibam conversar com seus filhos, ensinando-lhes o que é certo e o que é errado.

Hoje muitas crianças têm tudo à mão, televisão, computador, e não sabem utilizá-la para o próprio bem, pois ficam sós dentro de casa.

Elas parecem que vivem em um mundo que é só seus.

“As crianças não podem escapar da influência da condição pós – moderna com a mídia de saturação eletrônica, que reposiciona o real Como algo não mais simplesmente dado, mas artificialmente reproduzido como real”. (KINCHELOE, Joe, L., 2001)

Por outro lado, existem crianças que precisam cuidar dos irmãos, da casa, ir para a escola e até fazer compras aos pais e por isso, elas não se deslumbram mais com príncipes encantados, fadas e bruxas. A magia infantil se perdeu neste mundo, com tanta violência e exploração.

As crianças de hoje já sabem muito do mundo adulto, muito mais do que lhes caberia saber, pois até as preocupações do dia - a - dia, obrigações e rotinas agitadas muitas delas têm.

Há uma grande contradição muitas não sabem brincar, mas conhecem computadores, celulares, Internet, a linguagem dos e - mails melhor do que muitos adultos.

Muito foi tirado dessas crianças de hoje, por esquecimento, pela correria do dia – a – dia ou até mesmo pelo simples fato de passar a outras pessoas (escola) a responsabilidade de educá-las.

“A civilização do consumo e da competição econômica desvirtuou totalmente a noção de criança feliz. Em lugar dela colocou, na realidade, a criança acomodada, que deve buscar distração olhando passivamente as imagens da televisão ou usando, como um autômato, os brinquedos caros postos à sua disposição”. (Marcellino, apud Dallari, p.68, 1990)

Deve existir uma preocupação em não deixar este mundo infantil das brincadeiras, do faz-de-conta, do imaginário se perder, pois é brincando que a criança se desenvolve por inteiro e se conhece através do contato com outras crianças.

Uma solução para a falta de espaço, onde a criança possa extravasar suas alegrias e energias e que possa brincar deve estar em fazer da escola um espaço onde as crianças possam se tornar seres pensantes, desenvolverem suas habilidades, aprenderem a ter uma visão crítica do mundo e a desenvolverem sua imaginação, criatividade e linguagem.

“Uma pedagogia da educação infantil que garanta o direito à infância e o direito a melhores condições de vida para todas as crianças (pobres e ricas, brancas, negras e indígenas, meninos e meninas, estrangeiras e brasileiras, portadoras de necessidades especiais etc.) deve, necessariamente, mediante nossa diversidade cultural e, portanto, a organização do espaço, contemplar a gama de interesses da sociedade, das famílias e prioritariamente das crianças, atendendo às especificidades de cada demanda a fim de possibilitar identidade cultural e sentido de pertencimento”. (Goulart, 2005, p.69)

Defrontamos-nos cada vez mais com crianças que não aceitam perder, que não sabem brincar e que demonstram que vivem num mundo onde a televisão é a grande mãe, vejo isto em minhas aulas.

Cada vez mais as crianças nas suas brincadeiras apresentam comportamentos agressivos, ou fora de sua fase, apenas imitam personagens que vêem na TV, como Power Rangers; Rebeldes, Dragon Ball Z, etc.

Com essa concepção a criança é modelada conforme a sociedade quer para que seja apenas mais um no meio de todos, sem dar oportunidade para que ela seja crítica, investigadora, curiosa e criativa.

Apenas é importante deixá-la como a maioria da sociedade, uma pessoa alienada, presa ao consumismo e as idéias da mídia e da elite.

2. MINHA VIDA PROFISSIONAL E AS DÚVIDAS

Recordo-me que na minha infância, que aconteceu em 1983, eu e muitas meninas brincávamos de escolinha em casa para resolver as lições da escola, sonhando assim em ser uma professora quando crescesse.

Naquela época tudo era maravilhoso, professor parecia ser a melhor das profissões e a mais importante. Quando cheguei à adolescência e precisei escolher mesmo qual caminho seguir, meu coração dizia que eu precisaria ir para o Magistério e meu pai me dizia para Contabilidade.

Por fim, me matriculei no Colégio mais famoso de Indaiatuba, no curso de Magistério, na verdade eu queria estudar no CEFAM aqui de Campinas, mas minha mãe quase teve um colapso, quando pedi a ela.

Mas mesmo assim, meu pai me matriculou num Colégio particular para que eu fizesse Contabilidade também, foi difícil convencê-lo de que aquilo eu não gostaria de seguir, mas depois de certo tempo me matriculou num outro Colégio na FIEC para que eu estudasse Processamento de Dados, que era o curso mais concorrido na cidade. Mas, como não passei na prova fiquei mesmo no Magistério, onde me realizei.

Quando comecei a fazer estágio no segundo ano de Magistério, me lembro que me apaixonei pela educação infantil. A partir deste ano, percebi que havia feito à escolha certa, pois me sentia feliz cada vez que podia ficar na sala com as crianças, nos recreios eu planejava brincadeiras com eles.

Comecei a trabalhar mesmo em uma escola estadual, onde fiquei por três anos sendo estagiária, quando ficava na sala eu aprendia muito.

Em 2000, eu entrei para trabalhar numa escola de Educação Infantil Municipal, fiquei muito feliz apesar de trabalhar longe de casa, na zona rural da cidade.

Lá tive contato com a professora Eliana que muito me ensinou sobre as metodologias do Município. Ela tornou-se uma grande companheira e amiga e hoje compartilhamos um de nossos grandes sonhos que foi estudar aqui na UNICAMP.

Pude conhecer mais sobre as idéias de Jean Piaget, pois são elas que norteiam a concepção de educação da minha cidade.

Lá peguei uma sala com crianças de seis anos, onde aprendi muito com elas e sei que errei bastante também. A escola era pequena, instalada numa velha estação de trem desativada e havia

um campo de grama atrás, onde brincavam os alunos.

As aulas eram bem planejadas, mas foi difícil compreender essa metodologia, pois só havia trabalhado no Estado, quando compreendi como se trabalhava na rede municipal, houve grandes mudanças.

A cada ano, na rede municipal implanta-se uma maneira diferente de trabalhar. Quando eu entrei era desenvolvido o trabalho através de áreas de estimulação: conhecimento social, perceptiva, cognitiva, linguagem, motora, expressão social, desenvolvimento físico e recreação. Era preciso desenvolver o tema com atividades objetivas em todas essas áreas. Noutro ano, desenvolveu-se o trabalho com projetos, onde pude conhecer um pouco sobre essa maneira de trabalhar, só que foram muitos projetos e com isto fiquei um pouco perdida e atarefada.

Em outro ano, começou a se dar mais importância na avaliação dos alunos e foram implantados os portfólios, onde era necessário preencher em cada mês o que os alunos haviam aprendido.

E nos anos seguintes, planilhas de desenvolvimento individual e coletivo dos alunos.

Muitas mudanças em pouco tempo, o que privilegia agora são os registros diários dos alunos e a avaliação, que tomam o maior tempo dos professores e dos alunos, pois o professor tem que ter anotado o maior conjunto de observações de seus alunos, essas observações formam um relatório que deve ser redigido trimestralmente e depois se deve atribuir notas de zero a quatro para cada conteúdo desenvolvido nas aulas.

É um trabalho muito cansativo, que deve ser feito da maneira que as coordenadoras e supervisoras de ensino, consigam compreender e com isto todas as atividades da semana, devem ter um objetivo.

As observações dos alunos precisam ser bem detalhadas e claras.

As aulas devem ser feitas priorizando a antecipação do ensino fundamental, pois existem muitos conteúdos que devem ser avaliados diariamente, fazendo com que pouco tempo sobre para o brincar, além do que o brincar por brincar, não tem mais espaço na educação infantil.

Acreditam que dando prioridade aos conteúdos, as crianças irão se desenvolver melhor e com isso, chegarão melhor ao ensino fundamental.

Com isto, o brincar fica esquecido, pois a todo o momento os professores ficam questionando os alunos sobre os conteúdos.

É por muitas vezes, desestimulador esses métodos, mas ainda acredito que irão perceber que não é este o caminho para uma educação de qualidade.

Ao iniciar o curso aqui na UNICAMP, descobri muitas coisas novas, pude aprender

muito, me encontrei com as idéias de Vygotsky; cai na realidade quando tive a disciplina Avaliação, quando vimos às reformas de educação, onde pude perceber que foram de fachadas, pois mudar mesmo nunca aconteceu; encantei-me com a disciplina de Matemática, onde percebi que podemos sair daquela aulinha comum de adição, número e numeral, para por os alunos para pensar e descobrir os números e me identifiquei muito com a disciplina Pedagogia da Educação Infantil, onde me deparei com vários autores que na primeira vista me deixou revoltada, mas depois me encantei com Nelson Marcellino, em seu texto Lazer e Infância - O furto do Lúdico: Implicações para o processo educativo, onde diz que.

“o lúdico se manifesta fundamentalmente no lazer, e que até mesmo nela é instrumentalizado, o fato é que, quando do ingresso da criança na Escola, a obrigação tem se caracterizado, e aí o lazer, como espaço para manifestação do lúdico, parece ser inquestionável”. (MARCELLINO, p.77, 1990).

3. APENAS BRINCANDO

Percebo que muitos pais acreditam que na educação infantil as crianças só brincam e não desenvolvem nada de seus potenciais. Por este motivo, muitos pais, deixam para colocar seus filhos na escola apenas no ensino fundamental, pois este é obrigatório e o mais importante para eles.

Eles não dão valor à fase mais bonita, em que a criança mais se desenvolve se estiver em contato com outras crianças e em um meio que propicie estímulos para que elas se desenvolvam por inteiras.

É brincando que a criança compreende o mundo e nas trocas é que vai construindo sua personalidade.

Para exemplificar essa minha fala cito o texto “Apenas brincando”, que foi trabalhado em uma das aulas de Artes, com a Professora Marilda.

Apenas brincando

Quando estou construindo com blocos no quarto de brinquedos,
Por favor, não diga que estou apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo
Sobre equilíbrio e formas.
Quando estou me fantasiando,
Arrumando a mesa e cuidando das bonecas,
Por favor, não fique com a idéia que estou apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Eu posso ser mãe ou pai algum dia.
Quando estou pintado até os cotovelos,
Ou de pé diante do cavalete ou modelando argila,
Por favor, não me deixe ouvir você dizer: ele está apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Estou me expressando e criando.
Eu posso ser um artista ou um inventor algum dia.
Quando você me vê sentado numa cadeira
Lendo para uma platéia imaginária,
Por favor, não ria e pense que eu estou apenas brincando

Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Eu posso ser um professor algum dia.
Quando você me vê procurando insetos nos arbustos,
Ou enchendo meus bolsos com todas as coisas que encontro,
Não jogue fora como se eu estivesse apenas brincando
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Eu posso ser um cientista algum dia
Quando estou entretido com um quebra-cabeça,
Ou com algum brinquedo na minha escola,
Por favor, não sinta que é um tempo perdido com brincadeiras
Porque enquanto brinco estou aprendendo
Estou aprendendo a me concentrar e resolver problemas.
Eu posso estar numa empresa algum dia.
Quando você me vê cozinhando ou experimentando alimentos,
Por favor, não pense que porque me divirto, é apenas uma brincadeira.
Eu estou aprendendo a seguir instruções e perceber diferenças.
Eu posso ser um “chef” algum dia.
Quando você me vê aprendendo a pular, saltar,
Correr e movimentar meu corpo,
Por favor, não diga que estou apenas brincando
Eu estou aprendendo como meu corpo funciona.
Eu posso ser um médico, enfermeiro ou um atleta algum dia.
Quando você me pergunta o que eu fiz na escola hoje,
E eu digo, eu brinquei,
Por favor, não me entenda mal.
Porque enquanto eu brinco estou aprendendo.
Estou aprendendo a ter prazer e ser bem sucedido no trabalho.
Eu estou me preparando para amanhã.
Hoje, eu sou uma criança e meu trabalho é brincar.

(Anita Wadley)

“Na nossa sociedade, e particularmente nas grandes cidades, ainda que por razões bem diferentes, as crianças não têm tempo e espaço para a vivência da infância, como produtoras de uma “cultura infantil”, e isso independente de sexo ou das classes sociais”. (MARCELLINO, p. 55, 1990))

Esta nova lei que entrou em vigor neste ano, onde as crianças estão entrando mais cedo para o Ensino Fundamental, com apenas seis anos, gera um grupo de alunos imaturos que estão sendo desrespeitados.

Com isso, estão entrando nas escolas de educação infantil, crianças mais novas.

Essa escola que recebe essas crianças não sofreram nenhuma adaptação ou nenhuma mudança, como se fosse normal a criança sair de uma creche, onde ficava o dia todo, onde havia a hora do sono, espaços maiores para elas brincarem, mais pessoas para cuidar delas, caíram em uma sala pequena com cadeiras e mesas e com uma única pessoa “a professora” que precisa rebolar, para que elas fiquem um pouco mais calmas e que participem das aulas.

É um absurdo, pois é cobrado da professora que ela avalie os conhecimentos dos alunos e trabalhe os conteúdos da mesma maneira que era realizada com alunos de quatro anos, enquanto as crianças estão pulando, chorando, cantando, gritando e querendo somente brincar.

É difícil desenvolver um bom trabalho, pois só existe um desrespeito perante as crianças. É roubado delas o lúdico.

Não é dado espaço para a criança ser criança, é dado mais valor a preparação para o futuro.

“Dando às crianças obrigações precoces, não levando em conta o que a criança faz de cultura e instrumentalizando as brincadeiras, por isso... o furto do lúdico ocorre, no processo educativo mais geral, pela transformação da possibilidade de fruição em atividade utilitária”. (MARCELLINO, 1990, p.61).

No Brasil, uma das causas do furto do lúdico nas crianças é a necessidade de ajudar os

pais na lavoura, ou trabalhando vendendo doces nas ruas ou até mesmo cuidando da casa e dos irmãos, para os pais irem trabalhar fora.

No Artigo 227, do Capítulo 7º. , do título VIII da Constituição Brasileira de 1988:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-las a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

O que vemos nos dias de hoje, é o desrespeito e a violência contra as crianças, umas são jogadas em rios, outras abandonadas em lixões e outras esquecidas dentro de carros.

Precisamos nos alertar em relação ao que queremos com a educação infantil, pois hoje vemos que

“... temos contaminado a educação infantil com as tarefas do ensino fundamental e de que, de agora em diante, levando em conta os novos conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento das crianças, trata-se de fazer o inverso: deixar contaminar o ensino fundamental com atividades que julgamos típicas da educação infantil – ainda que, muitas vezes, nem na educação infantil reservemos tempo para elas”. (MELLO, Sueli Amaral, p.24, 2005)

Hoje temos por um lado a cobrança dos pais para que seus filhos saíam ou até saibam ler e escrever cada vez mais cedo e faço uso das palavras de Sueli Amaral Mello, em seu texto O processo de aquisição da escrita na educação infantil *contribuições de Vygotsky*, onde diz que:

“... entre as concepções de educação infantil que dirigem as práticas de educação de crianças de três a seis anos, que defende a antecipação da escolarização, e tal escolarização precoce ocupa o tempo da criança na escola e toma o lugar da brincadeira, do faz-de-conta, da conversa em pequenos grupos”.

Nesta prática que ocorre nas escolas prevalece a idéia de que quanto mais cedo à criança saber ler e escrever, mais possibilidade de sucesso na vida ela terá.

É preciso respeitar as crianças como seres pensantes, cidadãos que têm direitos e como está escrito na LDB (Lei n.º 9394/96), em seu artigo 29:

“A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e *social*, complementando a ação da família e da comunidade”.

É necessário respeitar a bagagem cultural da criança e tornar as suas vivências propícias para o engrandecimento dessa bagagem. O meio influencia a criança em suas mais variadas produções, muitas vezes ela representa coisas com as quais ela se confronta, por exemplo, através da mídia ou da repetição de situações em que observa os adultos.

A própria visão de alguns adultos, frente ao papel ou perfil que se espera de uma criança, reflete essa distorção gerada pelo ambiente.

Comumente a criança é vista como alguém que acarretará obrigações precoces, considera-se a cultura do adulto e desconsidera-se a da criança. À criança, deve-se dar a oportunidade de manifestações diversas através do lúdico, a brincadeira precisa ter o componente da imaginação, pois ao brincar, a criança aprende, reflete sobre as maneiras de interação.

Precisamos nos preocupar com a dupla alienação da infância, onde as crianças ricas são protegidas, alienadas, antecipam a vida adulta através das inúmeras atividades; e as crianças pobres são exploradas e também antecipam a vida adulta no trabalho. É preciso e necessário dar para essas crianças um espaço (creche, escola) onde possam crescer sem deixar de ser criança, conhecer o mundo através da brincadeira, das relações com o ambiente, objetos e pessoas que o cercam.

4. AO CONTRÁRIO, AS CEM EXISTEM:

A criança

é feita de cem.

A criança tem cem mãos

cem pensamentos

cem modos de pensar

de jogar e de falar.

Cem sempre cem

modo de escutar

de maravilhar e de amar.

Cem alegrias

para cantar e compreender.

Cem mundos

para descobrir

cem mundos

para inventar

cem mundos

para sonhar.

A criança tem

cem linguagens

(e depois cem cem cem)

mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura

lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem-lhe:

de pensar sem as mãos

de fazer sem a cabeça

de escutar e de não falar

de compreender sem alegrias

de amar e de maravilhar-se

só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe:

de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe:

que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.

Dizem-lhe enfim:

que as cem não existem.

A criança diz:

ao contrário as cem existem.

(Loris Malaguzzi)

É importante ver as crianças com essas cem linguagens, para trabalhar com elas por inteiro, desde a creche até o ensino fundamental e para que isto aconteça é bom dar importância ao espaço, é ele que determina a Pedagogia.

É preciso colocar como prioridade uma educação onde as crianças possam brincar, respeitando sua espontaneidade e o impulso criativo e não priorizando o raciocínio lógico e a linguagem escrita, na educação infantil, para que elas possam adquirir os símbolos e depois a linguagem escrita.

Ter escolas, onde haja espaços sem mesas e cadeiras, onde as crianças possam inventar o que quiserem e soltar a imaginação, proporcionando assim o desenvolvimento da criatividade com diversos materiais e pensar em espaços que favoreçam outras linguagens como ateliê, sala de vídeo, canto da imaginação, biblioteca, horta, etc...

5. LEMBRANÇAS DE ALGUMAS BRINCADEIRAS

BRINCAR

Brincar é gostoso.

Brincando a gente aprende muitas coisas também.

Por exemplo, brincando a gente aprende a... brincar!

A gente pode brincar correndo, pulando e até sentado.

A gente pode brincar com um anel ou com uma pedrinha no chão.

E com muitas outras coisas mais.

Usando a cabeça, a gente pode inventar uma brincadeira.

Usando as mãos, a gente pode construir um brinquedo.

E usando os pés – o que é que a gente pode fazer?

Eu brinco, ele brinca, os gatinhos brincam, os cachorrinhos brincam...

E você, como é que você brinca?

(Luiz Camargo)

Salada, saladinha

Desenvolvimento:

Dois alunos seguram a corda pelas pontas cantando a música: “Salada, saladinha, bem temperadinha, com sal, pimenta, azeite, fogo”.

Durante a canção, a corda é balançada de um lado para o outro, e o aluno deverá saltá-la. Quando disser, **fogo**, a corda começará a ser batida em alta velocidade, e o aluno deverá acompanhá-la. Se não der conta perde a vez.

Passa anel

Todos os alunos estarão com as duas mãos unidas, estendidas à frente.

Um aluno, de posse de um anel, passará de um em um, fingindo colocar o anel em suas mãos.

Apenas um dos alunos receberá o anel.

No final, quem passou o anel escolherá uma criança e perguntará:

_ Com quem está o anel?

Se o aluno acertar, será próximo a passar o anel; se errar, a criança de posse do anel é quem recomeçará a brincadeira.

Duro ou Mole

As crianças ficam espalhadas pela quadra, podendo ter um ou mais pegadores.

Quem for pego, deverá ficar em posição de estátua, até que um companheiro o toque e o liberte.

Ir trocando de pegador.

Mãe da rua

As crianças estarão divididas em duas equipes, uma em cada linha lateral da quadra.

No centro estarão um ou mais pegadores. Os alunos deverão tentar atravessar de um lado para o outro, e o pegador deverá tentar tocar neles. Quem for pego ajudará os pegadores.

Hoje, com meus alunos procuro resgatar essas brincadeiras, pois muitos deles não as conhecem, acrescento em cada dia, ou semana, uma lista de brincadeiras novas.

Acredito que brincando as crianças se desenvolvem físico, mental, afetivo, espiritual e constroem suas identidades.

6. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu”. (Winnicott, 1975)

Brincar segundo o dicionário Aurélio significa... “Divertir-se infantilmente; entreter-se em jogos de criança”.

A criança desde muito pequena é impulsionada pela vontade, nunca pára, está o tempo todo brincando, agindo, transformando. O ato de brincar fortalece a vontade, e são as brincadeiras saudáveis que nos capacitam, quando adultos, para uma atuação positiva no mundo.

A maioria das brincadeiras da minha infância foi e são passadas oralmente entre as famílias.

É brincando que a criança descobre o mundo e vivência o meio, a brincadeira é encarada muitas vezes como a linguagem da criança. A escola hoje em dia se concentra na aprendizagem precoce, através da escrita, do pensar lógico, esquecendo-se que as crianças são indivíduos pensantes, que tem sentimentos e que agem.

Explorando o meio, manipulando objetos diversos e brincando com bichos, a criança está conhecendo o mundo que a rodeia por meio de seus sentidos.

Segundo o artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança da ONU:

“Toda criança tem o direito ao descanso e ao lazer, e a participar de atividades e recreação, apropriadas à sua idade, e a participar livremente da vida cultural e das artes”.

Froebel entende que, nas brincadeiras, a criança tenta compreender seu mundo ao reproduzir situações da vida. Quando imita, a criança está tentando compreender. Ela late como um cachorro ou diz “muuu” para uma vaca, voa como um pássaro. É um pensamento inconsciente: “imitando-os, procura compreendê-los”.

Apesar do brincar ser um comportamento espontâneo da criança, o adulto deve criar momentos que estimulem a brincadeira.

No brincar espontâneo, na fantasia, a criança exterioriza sua realidade interior, liberando sentimentos, e expressando opiniões.

Segundo Bruner (1978), nas brincadeiras as crianças têm inúmeras oportunidades de explorar e, quando necessário, com pequena supervisão do adulto solucionam problemas.

A exploração requer um ambiente que o estimule e motive, além de pessoas que oriente as crianças.

O professor deve oferecer oportunidades para as crianças conhecerem novas brincadeiras para que assim haja a imitação e a repetição delas. Brincando as crianças desenvolvem a intencionalidade e a inteligência, explorando, agindo, resolvendo problemas e interagindo com o meio.

É importante o professor organizar com os alunos as atividades do dia e deixá-los escolher quais querem fazer, além de ter um tempo livre para inventar coisas, jogar, conviver com os amigos sem o adulto.

É preciso dar a eles um grande repertório de materiais, para que possam explorar, manipular, observar e selecionar os que mais lhe agradam.

A brincadeira precisa sempre ter seu espaço e seu tempo na vida das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste mundo, onde nos deparamos a cada dia com crianças que são maltratadas, abandonadas ou que trabalham é nosso trabalho como educadores dar oportunidade para que elas possam pelo menos dentro da escola serem crianças, apenas crianças.

Incentivando a interação com os colegas, estimulando a linguagem e dando muita atenção e carinho, podemos fazer a diferença na vida dessas crianças. Planejando aulas mais dinâmicas, onde os alunos possam ter momentos de falar, expressar seus sentimentos, criar e inventar coisas com materiais simples como: sucatas e também dando a elas momentos para que conheçam as brincadeiras de roda, brincadeiras que são pouco conhecidas por elas e propiciando momentos onde os alunos possam brincar livremente, estaremos deixando –as mais alegres.

É preciso tentar tirar essa alienação que a TV e o vídeo – game passa para as crianças. Elas precisam sim ter contato com as novas tecnologias, mas também brincar, falar, com pessoas que fazem parte do seu meio.

Com isso acredito que conseguiremos ter crianças mais criativas, investigadoras e felizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Ana Angélica. *Caderno de Formação da Prefeitura de Santo André*, 1999.

BADINTHER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). *Linguagens Infantis outras formas de leitura*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. São Paulo: J.E.M.M. Editores, 1988.

KISHIMOTO, Morchida Tizuko. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

<http://www.lettras.mus.br> . acesso em março, 2006.

MALAGUZZI, Loris. *Revista Bergamo Bambini*. Ano X, n. 2, fev. 1994.

MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação*. Campinas: Papirus, 1990.

TIBA, Içami. *Quem ama educa!*. São Paulo: Editora Gente, 2002.

VALADARES, Solange; ARAÚJO, Rogéria. *Educação Física no cotidiano escolar*. Minas Gerais: Editora FAPI, 1999.